

HISTÓRIAS DO FUNDO DO BAÚ

Volume V



CONTOS DE DONA SÔNIA



EDUNEB

Histórias do Fundo do Baú

Volume V

CONTOS DE
DONA SÔNIA



EDUNEB

SALVADOR

2009

© 2009 Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida
ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil 2009.

Ficha Técnica

Organização, seleção e transcrição dos contos
Edil Silva Costa

Revisão e estabelecimento dos textos
José Carlos Freitas

Ilustração da capa
Luiz Ramos

Projeto Gráfico, Projeto Visual e Editoração
Sidney Santos Silva

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Central da UNEB
Bibliotecária : Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Contos de Dona Sônia / Organizado por Edil Silva Costa . – Salvador : EDUNEB,
2009.
56p.

Série: Histórias do fundo do baú ; v. 5.

ISBN :978-85-7887-022-6.

1. Contos. 2. Lendas. 3. Folclore brasileiro. I. Costa, Edil Silva.

CDD : 808.8308

Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Avenida Jorge Amado, s/nº - Boca do Rio Salvador-BA - CEP. 41.710-050
Tel. (71) 3371-0107 / 0148 - R. 204/217
editora@listas.uneb
www.uneb.br

Apresentação:

O Baú se Abre

Esta coletânea é fruto do trabalho de anos de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia. Mas, acima de tudo, é feita por narradoras e narradores que emprestam seu corpo e sua voz para dar continuidade a outras vozes vindas de tempos remotos. Tiradas do fundo do baú da memória, os textos aqui reunidos são dedicados a jovens que, ouvindo, lendo, recontando, reescrevendo, são também elos dessa corrente. Do mesmo modo, a Coleção é dedicada aos professores que irão compartilhá-la com seus alunos. Trilhando juntos esse caminho, fortalecemos nossos laços comunitários e familiares. Ao reunir as vozes de avós e netos, percebemos que o mais tradicional é também o mais contemporâneo.

Idealizada e iniciada pela Professora Doralice Alcoforado, esta Coleção visa reaproximar alunos e professores da nossa rica tradição oral, levando para a escola os contadores tradicionais e suas narrativas. A equipe que trabalhou na adaptação dos textos procurou não perder de vista que a letra nunca vai conseguir representar a performance dos contadores, mas deve se esforçar para que a memória da oralidade seja recuperada no momento da

leitura. Os textos que ora apresentamos sofreram a interferência necessária para sua inserção no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, promover a saída desse ambiente para a comunidade, para além dos muros da escola e da cultura letrada.

Os contos que foram selecionados para a Coleção formam cinco volumes: o volume 1: *Contos de D. Luiza* reúne sete deliciosas histórias de exemplo e encantamento narradas por Dona Luiza Cruz do Nascimento que tem um jeito todo especial de educar divertindo. No volume 2: *Contos de Animais* estão oito histórias do tempo em que os bichos falavam que nos foram contadas por homens e mulheres, de Salvador e do interior do Estado. O volume 3: *Histórias de Pedro Malasartes* convida o leitor a refletir sobre a esperteza desse personagem que faz rir pelo modo quase sempre ilícito de derrotar seus adversários. O volume 4: *Contos de D. Carlota* apresenta as narrativas, a maior parte contos de exemplo, de Dona Carlota Couto Farias, moradora de Salvador. Fechando a coleção, o volume 5: *Contos de D. Sônia* traz as narrativas de Dona Sônia Pinto, narradora da cidade de Alagoinhas, interior da Bahia, que se faz presente.

O baú, cheio de histórias, agora se abre. Dele retiramos e nele colocamos nossa memória.

Salvador, novembro de 2008.

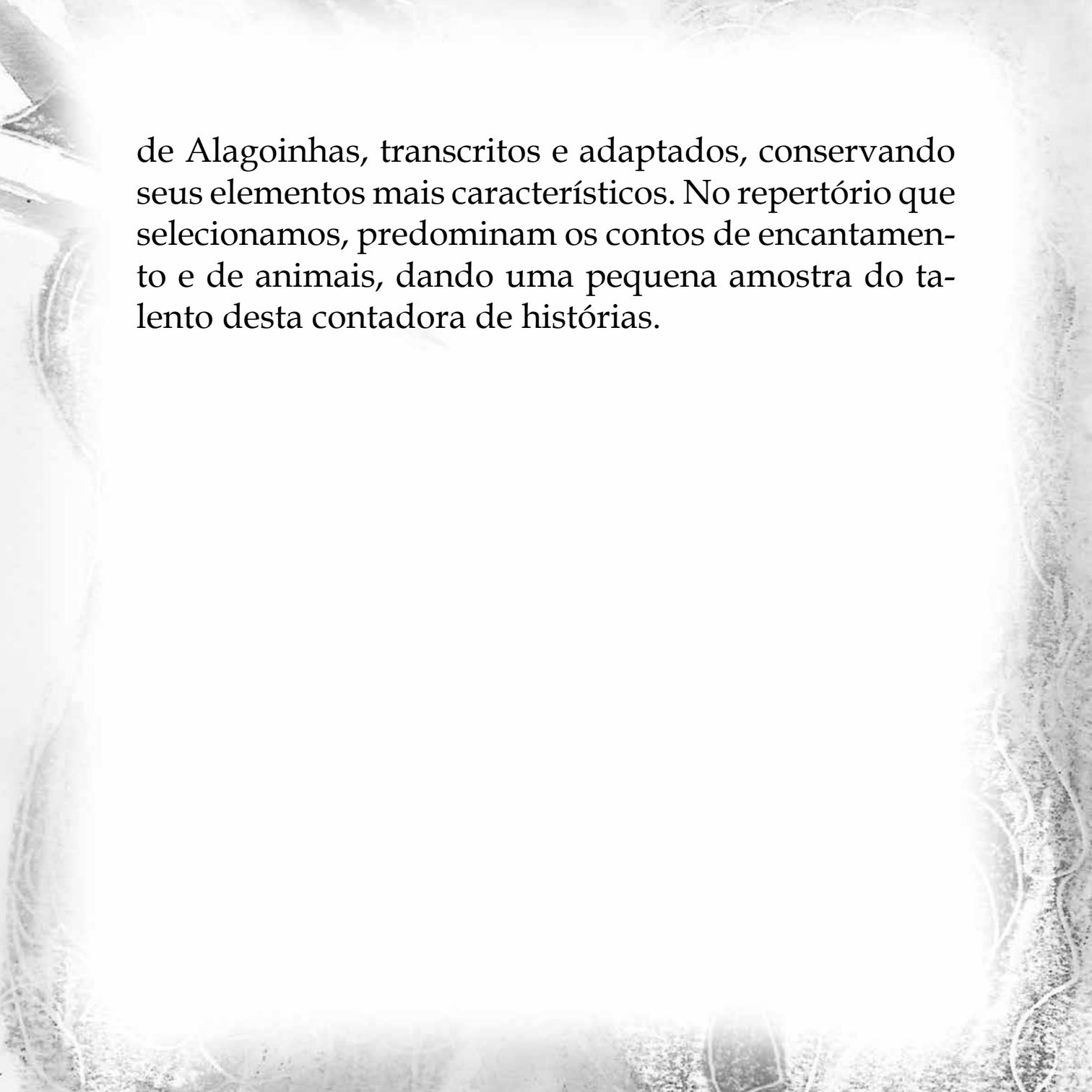
Edil Silva Costa

CONTOS DE D. SÔNIA

O Núcleo de Estudos da Oralidade – NEO foi criado em 1995 com o objetivo de dar continuidade à recolha e ao estudo da tradição oral na região de Alagoínas.

Este trabalho, coordenado pela Profa. Edil Silva Costa, envolve estudantes e professores do Campus II da Uneb. Como resultado da recolha, temos depoimentos, cantigas de roda, rezas, romances de tradição ibérica, provérbios, adivinhas, folguedos, mas destacamos os causos e contos populares do acervo.

Dona Sônia N. Pinto é uma das narradoras entrevistadas pelo grupo de pesquisadores do NEO. Os contos aqui reunidos foram gravados em 1999, na cidade



de Alagoinhas, transcritos e adaptados, conservando seus elementos mais característicos. No repertório que selecionamos, predominam os contos de encantamento e de animais, dando uma pequena amostra do talento desta contadora de histórias.

Índice

A Menina e a Figueira	9
Maria Borralheira	15
A festa no céu	25
A moça noiva	29
João e Maria	37
A onça e o coelho.....	43
O macaco e o rabo	51



A MENINA E A FIGUEIRA

Deixa eu contar a história da menina que não tinha mãe. Ela vivia sozinha com o pai. E tinha uma enhora viúva. Cada um tinha uma filha. Mas a mulher vivia louca atrás de um marido, tinha uma vontade louca de casar com o pai dessa menina. Todo dia que o pai saía, ela aí chegava, ia pra casa da menina, limpava a casa, fazia almoço, botava água, dava banho na menina, penteava os cabelos, zelava de tudo. E quando o pai da menina chegava, encontrava ela arrumadinha, tudo em ordem. Ele perguntava assim:

– Minha filha, quem é que cuida de tudo aqui ?

Ela dizia:

– Dona Joana, meu pai.

E ele foi se cativando com aquilo. A menina pedia sempre para ele casar com D. Joana que ela era muito boa. Um dia, ele resolveu casar. Chamou a filha e falou com ela que ia casar com D. Joana porque ela cuidava muito dela, da casa e fazia companhia pra ela e tudo. Ele fez um casamento bonito, mas depois que casou, a mulher foi ficando ruim. Desleixou, largava a menina à toa, não penteava mais o cabelo, não mandava ela tomar banho, não cuidava da casa. Zelava muito da filha dela, mas da outra não zelava. Um dia, o pai saiu, ela disse assim:

– Maria.

– Senhora?

– Olhe, vá pegar aquela varinha ali e tomar conta daquelas figueiras que os passarinhos estão comendo os figos. Não deixe comer nenhum!

Mas mandava com aquele tom de domínio, como se a menina fosse escrava. Ela foi, tomou conta. O lugar que ela podia bater o pau que os passarinhos voava, ela batia; o lugar que ela não podia, ficava bem

alto, os passarinhos ficavam comendo. Daí a pouco, vem a madastra:

- Maria, os passarinhos estão comendo os figos!
- Minha madrastra, eu não posso bater lá em cima não.

- Não pode não? Então venha cá. Vou lhe dá um castigo maior. Vá pegar aquela enxada ali e venha comigo.

Aí a menina foi, pegou a enxada. Quando chegou lá no meio do pasto, um lugar bem, bem escuro (já estava de noite), ela cavou um buraco e enterrou a menina... viva! Quando o pai chegou, perguntou:

- Cadê Maria?

- Ah! Maria sumiu, rapaz! Desde esta manhã que Maria sumiu. Já não tem mais canto em que procurar.

Aí o pai ficou apavorado. Passou a noite sem poder dormir. Quando foi de manhã, chamou um vaqueiro e disse:

– Olhe, vá no pasto, corte uns capins e traga pra dar ração a este animal, que eu vou sair montado nele.

Que era para sair procurando a menina. Quando chegou no dito lugar que a mulher enterrou a menina, o lugar que ela cavou já não tinha mais vestígio. O capim já tinha crescido e tudo. Quando ele começou a cortar, disse que uma voz cantou assim:

*– Capineiro do meu pai,
não me corte os meus cabelos
pelo figo da figueira
que minha madrastra me enterrou.*

Aí o homem se assustou. Olhou o mundo todo, não tinha ninguém:

– Ai! Que negócio é este aqui?!

Quando ele tornou a cortar o capim, a voz de novo cantou a mesma música. Que aquele capim era o cabelo da menina. Ele subiu correndo, falou com o patrão

o que estava acontecendo. O pai foi, quando chegou no lugar, disse :

– Corta aí o capim pra eu ver!

Ele cortou. Quando cortou, a voz de novo cantou:

– *Capineiro do meu pai,
não me corte os meus cabelos,
pelo figo da figueira
que minha madrasta me enterrou.*

O pai disse:

– Cave esse buraco aí.

Na hora que cavou o buraco, estava a menina vivinha. Que quando ele mandou cavar o buraco e tirou a menina, disse:

– Tá vendo você, minha filha? Que D. Joana só tinha interesse de casar comigo, que ela não era boa para você e nem nada, tá vendo aí? Você quer que faça o quê com ela agora?

– Quero que o senhor mande pegar dois animais daqueles bem brabos e amarre os braços dela nas patas de um e as pernas no outro, e bote os animais pra correr com ela amarrada.

Assim mesmo o pai fez. Mandou pegar os animais e amarrou os braços da mulher, amarrou as pernas, e mandou o vaqueiro atrás batendo. Espatifou a mulher toda e Maria foi ser feliz com o pai dela. Acabou a história.

MARIA BORRALHEIRA

A de Maria Borralheira eram duas meninas. Uma não tinha mãe e a outra não tinha pai. Aí o pai resolveu casar com a mãe da menina, a viúva que tinha uma filha também. Mas, quando eles casaram, a madrasta começou fazer da menina escrava. Deu status à filha dela, que não fazia nada e a filha do homem era quem fazia tudo: botava água, varria a casa, fazia todo o serviço caseiro. Ficou uma Maria Borralheira porque ela só vivia no borralho, à toa, não tomava banho, maltratada. Mas era uma menina de coração bom, afilhada de Nossa Senhora.

Quando a mãe de Maria morreu, deixou uma vacinha pra ela, de herança. A madrasta engravidou.

Quando ela está com três meses de grávida, desejou comer o fígado da vaca da menina, que ela tanto perseguia: “Ah! Vou mandar matar aquela vaca pra comer o fígado”. Mandou matar a vaca e Maria disse assim:

– Minha madrasta, eu quero lavar o fato de minha vaquinha.

A vaca era de estimação. Quando matou a vaca, tirou o fato e mandou ela pro rio lavar o fato. No caminho da fonte, passava pela casa de três moças muito misteriosas. Elas eram fadas. As fadas eram muito boas, mas elas trabalharam fora, não tinham tempo de cuidar das coisas delas. Maria passou pela casa delas e viu tudo desarrumado. Chegou, pegou, arrumou a casa. Lavou prato, fez comida, encheu as vasilhas de água, depois desceu pra fonte, foi lavar o fato. Quando ela está escorrendo o fato, apareceu uma moça e disse assim:

– Maria, quando você escorrer o fato, preste bem atenção, que vai aparecer uma varinha milagrosa, uma

varinha de condão. Você pegue essa varinha com todo cuidado, não deixe sua madrasta ver. Esconda, e tudo que você quiser você peça a essa varinha, que ela vai lhe dar.

– Tá certo.

Assim mesmo Maria fez. Escorreu o fato com cuidado, quando ela viu, saiu aquela varinha mesmo. Ela pegou, enrolou bem enroladinha e escondeu na bacia. Quando ela voltou, passou na casa das três fadas novamente. Ela pensou: “Pôxa! Eu não posso deixar elas me verem!” Se escondeu atrás da porta. Quando elas entraram, encontraram tudo arrumadinho; quando chegaram na cozinha, encontraram comida pronta, os vasos cheios de água. A primeira disse:

– Manas, fademos manas! Deus permita a quem tanto bem nos faz, quando falar sair ouro pela boca!

A outra disse assim:

– Manas, fademos manas! Deus permita a quem bem nos faz nascer uma estrela de ouro na testa!

– Manas, fademos manas! Deus permita a quem tanto bem nos faz ficar bonita entre as mais bonitas!

Quando Maria saiu detrás da porta, linda! Linda, linda, linda! Com uma estrela na testa e quando ela abria a boca, lá vem o ouro saindo. Ela pegou, ligeiro, amarrou um pano na testa para a madrasta não ver e foi pra casa. Mas quando ela foi chegando, a madrasta percebeu logo a beleza de Maria. Ela disse:

– Maria, o que é que aconteceu com você?

– Não sei não, minha madrasta.

Quando ela falou assim, começou a sair pedras preciosas da boca! A madrasta tanto forçou que ela disse:

– Olha, eu cheguei na casa das três fadas, tinha comida pronta, eu joguei fora. Os pratos estavam limpos, eu sujei tudo; quebrei os vasos de água que tinha, rebentei com tudo lá e saí assim.

– Ah, foi?! Então eu vou botar minha filha também pra ficar assim desse jeito. Espera aí!

Mandou matar uma vaquinha também, tirou o

fato e mandou a filha pra fonte lavar o fato e fazer na casa das três fadas a mesma coisa que Maria disse que tinha feito. Ela foi e fez: quebrou tudo, obrou na casa toda, fez xixi por tudo que foi de canto, esculhambou tudo e se escondeu atrás da porta. Quando as três fadas chegaram, uma disse assim:

– Manas, fademos, manas! Deus permita a quem tanto mal nos fez nascer um rabicho de cavalo na testa!

A outra:

– Manas, fademos, manas! Deus permita a quem tanto mal nos fez, quando falar, sair bosta de cavalo pela boca.

A terceira:

– Manas, fademos, manas! Deus permita a quem tanto mal nos fez ficar a feia das mais feias!

Aí pronto, a moça ficou horrorosa! Começou logo a sair aquele negócio na testa. E quando ela queria falar, saia bosta de cavalo pela boca.

Depois surgiu um boato que o rei vizinho dessa fazenda, ia dar uma festa. E o filho do rei ia casar com a moça mais bonita que aparecesse. Prontamente, a mãe da menina que nasceu um rabicho de cavalo na testa mandou fazer muitas roupas lindas para ela, comprou muitas jóias, empetelecou a filha toda de tudo quanto foi coisa bonita, pra ver se o príncipe se encantava com a filha.

Quando foi no primeiro dia da festa, saiu ela, o marido e a filha. O marido concordava com tudo que ela fazia com a filha. Foram pra festa. Quando saíram, Maria Borracheira chegou no quarto e disse assim:

– Minha varinha de condão, pelo condão que Deus me deu, me mande uma carruagem e uma roupa da cor-do-céu-com todas-as-estrelas!

Apareceu aquela carruagem linda, aquelas vestes da cor do céu, como ela pediu, cheia de estrelinhas. Ela já tinha tomado banho, já estava toda prontinha. Vestiu aquela roupa e pegou a carruagem. Quando ela apareceu na rua, chamou a atenção de todo mundo. A

rua estava bem guarnecida de policiais, que era para não perturbar a festa. Todo mundo voltou as vistas para ela. Quando ela entrou na igreja, o padre estava celebrando a missa. O príncipe ficou encantado, chamou a atenção dele que ele ficou até... largou de tudo, esqueceu da missa, de tudo e só querendo ver a moça. Antes da missa terminar, ela se mandou. Chegou em casa, dispensou a carruagem, trocou a roupa suja e foi lá pro borralho. Quando a madrasta chegou, a primeira coisa que fez foi ir ver Maria. Disse:

– Pôxa, Maria! Lá na festa tinha uma pessoa toda parecida com você.

Ela disse:

– Eu, minha madrasta?! Pobre de mim, quem sou eu!

Mas ela também ficou encantada com a beleza da moça que ela viu e todo mundo ficou observando. A madrasta queria que a escolhida fosse a filha dela. Quando foi no segundo dia, a mesma coisa. Saiu ela, o marido, a filha. Maria Borralheira disse:

– Minha varinha de condão, pelo condão que Deus me deu, mandai um vestido da cor-do-mar-com-todos-os-seus-peixinhos!

Lá vem outra carruagem, mais linda. A vestimenta muito bonita também. Ela tornou a se arrumar e foi. Já o príncipe mandou os guardas ficarem de olho pra ver de que lugar aquela carruagem aparecia ou o caminho que vinha. Pra ele tomar o destino da moça e ir atrás. Mas a carruagem aparecia que ninguém via a hora que aparecia, nem via também a hora que sumia. Antes de terminar a festa, Maria, sabidona, se mandava, que era para ninguém ver de onde ela veio. Quando chegou em casa, a madrasta de novo:

– Maria, tá aparecendo uma moça muito bonita lá na festa e parece que é você. Parece toda com você.

Ela:

– Comigo mesmo não! Quem sou eu?!... Sou eu não!

Eram três dias de festa. No terceiro dia, saiu o pai dela com a enteada e a madrasta. Quando saiu todo mundo, ela disse:

- Minha varinha de condão, pelo condão que Deus me deu, mandai um vestido da cor-do-campo-com-todas-as-florestas!

Maria tornou a se vestir, com uma sandália de ouro, muito linda. Foi, assistiu a missa. Quando estava perto de terminar a festa, ela aí se mandou pra casa. Quando ela pegou a carruagem, que balançou o pé, aí o pé da sandália caiu (de propósito que ela fez). O policial pegou a sandália e anunciou que tinha caído o pé do calçado da moça. O príncipe mandou, daquele dia em diante, sair pessoas procurando a moça em que aquela sandália desse no pé. A moça em cujo pé aquela sandália ficasse perfeita, ia ser a mulher dele. Procura daqui, procura dali; procura daqui, procura dali, até que chegou na casa de Maria Borracheira. Perguntou se não tinha uma moça ali que o pé desse naquela sandália. A madrasta touxe a filha dela. Calada, que não podia falar que saía bosta pela boca. Ela tinha que ficar com a boca fechada mesmo, com aquele rabiço de cavalo balançando e ela toda feia e horrorosa.

Aí perguntou:

– Não tem outra moça aqui não?

Disse assim:

– Não, não tem não. Só tem uma menina aqui, mas ela... não serve pra isso não!

– Deixe eu ver.

– Não, meu senhor, não pode não.

E Maria já no quarto toda alinhada, oh! Entrou pro quarto, se perfilou toda. E a madrasta pensou que ela estava no borralho. O rapaz tanto insistiu, até que ela chamou assim:

– Maria Borralheira, venha cá!

Quando ela abriu a porta, aquela estrelona linda na testa. Era toda linda. Foi só meter o pé na sandália, pegar a carruagem e se mandou. Foi ser feliz com o príncipe dela. Pronto. A madrasta foi morrer apaixonada e a filha se jogou do prédio embaixo e morreu!

A FESTA NO CÉU

No céu ia ter uma grande festa. A bicharada toda não falava em outra coisa. A floresta estava muito animada com essa notícia. Os bichos corriam para lá e para cá, se arrumando. Todos queriam ir à tal festa.

Os animais que tinham asas estavam tranquilos e em algazarra, cantando e brincando. Os que não tinham estavam desanimados porque não podiam ir. O Cágado, não conformado, tratou de arranjar uma carona, pois andava muito devagar e, além do mais, não voava. Como ia chegar lá sem ajuda? Resolveu ir pedir ao Urubu para levar ele. O Urubu ficou na dúvida, mas tanto o Cágado pediu que ele acabou levando.

Quando chegou lá na festa, tudo estava bonito e arrumado, muita música e dança, muita comida e bebida. A bicharada toda estava dançando e sambando, se divertindo muito. O Cágado, assim que chegou na festa, desabafou, dizendo e olhando para o Urubu:

– Vixe, que cheiro ruim de carniça!

Olhou para o Urubu e disse, com o dedo no nariz:

– Fuuuuunn! Amigo Urubu, tu tá fedendo!
Fuuuuunnn! Amigo Urubu, tu tá fedendo!

Toda a bicharada ouviu aquilo e começou a rir do Urubu. E assim o Urubu ficou rejeitado na festa. Nem dançou, ninguém queria dançar com ele. O Cágado, durante a festa, se acabou de dançar. E o Urubu, sozinho no canto, ficou pensando: “ Na hora de ir para casa, eu te dou a resposta! Você vai ver, eu não te levo!”

No final da festa, o Cágado, todo sonso, chega e fala assim para o Urubu:

– Amigo Urubu, você me leva pra casa?

O Urubu respondeu assim para ele:

– Você não disse que eu estou fedendo?!

Mas me leve assim mesmo, Urubu... Você não está fedendo mais não, já passou... Me leve, amigo Urubu, por favor!

Com a cara de quem estava pensando em alguma coisa, o Urubu disse assim:

– Eu vou te levar.

E pensou cá com ele: “ Eu vou te aprontar!”

– Tá, monte aqui nas minhas costas.

O Cágado montou satisfeito. Quando chegou numa certa altura, o Urubu avistou um monte de pedras e então soltou ele. Ele desceu caindo, caindo, por cima das pedras... se ralou todo, se machucou todo, seu casco ficou todo quebradinho e dolorido.

Ele aí cantou assim:

- Léu, léu, léu!

Se desta eu escapar,

Nunca mais festa no céu!

Aí apareceu Nossa Senhora que remendou ele todinho. É por isso que ele até hoje tem o casco todo rendadinho assim.

A MOÇA NOIVA

A moça ficou noiva e a família dela não queria o casamento. O rapaz era estudante de música, já estava bem encaminhado no curso que ele estava fazendo. Quando os pais dela viram que ela não deixava ele, mudaram de cidade. Botaram ela para estudar em outra cidade bem longe, para ele não saber em que lugar ela estava. Ela escreveu um bilhetezinho para ele, dizendo que, daquele dia em diante, se ele quisesse visitar ela, que era pra ele ir na cidade de Campos Verdes. A moça tinha uma empregada que era o leva-e-traz deles dois. Levava bilhetezinho, notícia dela pra ele, dele pra ela também. Ela levou esse bilhete, deixou lá pra ele, ele estava dormindo. E ela viajou com essa empregada para a cidade de Campos Verdes. Quando ele

acordou, que leu o bilhete, disse: “Pôxa! E agora?” Ele era tão apaixonado por ela! Disse: “Ah não, eu vou procurar.”

Ele saiu procurando ela, saiu procurando, saiu procurando. Andou, andou, andou, andou, andou. Deixou até o curso. Mas ela já sabia as músicas que ele gostava e ele sabia as que ela gostava. Ele foi embora atrás dela e saiu num deserto. Saiu num deserto que só tinha terra e céu! Longe como quê! Depois de andar vários dias, ele avistou um castelo. Quando chegou lá, tinha uma velhinha sentada, ele disse:

- Bom dia.
- Bom dia.
- Aqui é a casa de quem?
- Aqui é a casa da Lua.
- E a senhora é quem?
- Sou a mãe da Lua.

A senhora sabe onde é a cidade de Campos Verdes?

Ela disse:

– Não, nunca ouvi falar não. Mas minha filha pode saber. Quando ela chegar, eu vou perguntar. Mas não fique à vontade não, porque quando ela chegar, a claridade dela é tão forte que é capaz de cegar as pessoas. O senhor fique aí escondido. Eu venho lhe dizer o que foi que ela me disse.

Aí ele ficou escondido atrás da porta. Quando a Lua chegou, ela perguntou. Ela disse que não sabia não, mas que era pra ele perguntar ao amigo Vento, que amigo Vento devia saber, que ele também andava muito pelo mundo.

Ele continuou andando. Andou, andou, andou, não sei quantos dias! Avistou um outro castelo e foi. Quando chegou lá, que bateu na porta, outra velhinha. Era a mãe do Vento. Ele perguntou se ela conhecia a cidade. Ela disse:

– Não, mas meu filho deve saber porque ele anda muito pelo mundo inteiro e ele deve saber. Fique aqui atrás da porta, que quando ele chega, o Vento é tão forte que as pessoas não agüentam. Eu converso com ele, lhe dou a resposta.

Quando o Vento chegou, ela perguntou. Ele também não sabia. Só quem podia saber era o amigo Sol. O Sol falou:

– Só quem pode saber é o amigo Urubu!

Aí ele saiu andando atrás do castelo do Urubu. Saiu andando, saiu andando... Quando foi muitos dias, ele avistou o castelo do amigo Urubu. Chegou lá, encontrou um urubu bem velhinho! Disse:

– Bom dia, amigo Urubu!

– Bom dia!

– Você sabe onde é a cidade de Campos Verdes?

Ele disse:

– Não.

– Mas você quer saber?

– Quero.

– Pera aí.

Aí saiu do lado de fora com o berrante. Tocou o berrante, tocou. Lá vem tanto urubu, tanto urubu, tanto urubu... Que quando a casa encheu de urubu, pergunta a um, pergunta a outro, ninguém sabia.

- Tá faltando alguém aí, tá? Quem falta aí?

- Falta amigo Urubu Velho.

Que tinha o velho que era o pai e tinha o velho que era o filho. O filho do mais velho. Aí tocou o ber-rante. Tocou, tocou, tocou, tocou. Disse:

- Lá vem o Urubu.

Com uma tripa no bico que não tinha mais tama-nho! Quando ele passou, o Urubu Velho perguntou a ele se sabia em que lugar era a cidade de Campos Verdes. Disse:

- Oxém, sei. Tá uma festança lá. Vai ter um casa-mento porreta lá amanhã e eu venho de lá. Estou aqui que não aguento de tanto comer carne!

Ele pediu:

- Você me leva lá, amigo Urubu?

- Levo.

- Cobra quanto?

- Você me dá um boi pra eu ir. Mas eu quero o boi antes d'eu lhe levar, né?

Ele mandou comprar o boi, deu ao Urubu. Já ficou na casa do Urubu Velho, o boi. Botou o rapaz nas costas e voou. Voou, voou, voou, não sei quantos dias. Lá vai, lá vai, lá vai... Quando chegou na cidade, tinha uma fonte e um pessoal que carregava água para o palácio onde ia acontecer o casamento. Disse:

– Olhe, você fique aqui nessa fonte e tome informação dessas neguinhas que estão por aqui carregando água que elas são as empregadas do palácio.

Encostava gente pra carregar água, gente pra carregar água, aquele movimento da cidade e coisa. Ele tomou informação e disseram a ele:

– Olhe, tem um alojamento para receber os visitantes que vêm para o casamento. Você vai e fica lá também.

Ele mandou o Urubu dá um giro na cidade pra ver quem era a moça que ia casar. O urubu foi e tomou todas as informações. Era a noiva dele que já ia casar com outro. Ela apaixonada por ele e ele apaixonado por ela e já ia casar com outro! Aí ele ficou no aloja-

mento, entrou de intruso que ninguém conhecia ele. Ele se hospedou por lá, tomava banho, jantava, tomava café da manhã e preocupado com o horário do casamento: “Ela vai casar com outro. Pôxa...!” Quando foi pertinho, quando ela estava se arrumando pra casar, ele saiu na rua tocando o instrumento, a música que ela mais gostava. Saiu tocando a música. Ela pensou: “Não é possível! Como foi que ele veio?” Ela chamou a empregada e mandou ver quem era. Quando a empregada chegou na janela, viu ele. Chegou em frente da casa dela, ele ficou tocando do lado de fora. Já estava tudo organizado para o casamento. Ela mandou chamar o noivo, chegou na janela, aquela multidão de pessoas já ouvindo ele tocar. Chamou a atenção da cidade, aquele músico que ninguém conhecia, aquelas músicas também diferentes. Ela pediu para ele parar e disse assim:

– Minha gente, vocês têm uma mala velha e perde a chave; depois, vocês comprem uma chave nova e coloca na mala. Depois, vocês encontram a chave ve-

lha. Qual é a chave que vocês vão usar? A velha ou a nova?

Aí todo mundo:

– A velha, a velha!

Ela disse para o noivo:

– Meu casamento com você acabou! Meu noivo é aquele dali. Vou casar com ele.

Desceu vestida de noiva, casou com ele e pronto.

JOÃO E MARIA

João e Maria eram irmãos. A mãe deles mandou os dois para o mato pegar lenha. Quando entraram na mata se encantaram... foram andando, andando, andando, o dia foi embora, a tarde foi chegando, a tarde passou, a noite foi chegando... João e Maria se perderam. Quando eles lembraram de voltar para casa, já não sabiam mais por onde voltar. Subiram numa árvore e avistaram uma casinha. Resolveram ir até a casinha. Chegando lá, tudo estava muito tranquilo, nem parecia que tinha gente lá, estava tudo fechado. Eles subiram no telhado, afastaram uma telha... e quando olharam para baixo, viram uma velha fritando bolinhos. Ficaram com água na boca, estavam morrendo de fome, passaram o dia todo no mato. Maria futucou João e disse:

- João, ali tem uma velhinha fazendo bolinhos.

Ele:

- Cala boca que eu já venho. Vou pegar um bolinho pra gente.

João enfiou uma varinha sem que a velha visse e pescou um bolinho. Quando a velha deu por falta do bolinho, pensou que fosse o gato e disse:

- Pissi, pissi, meu gatinho! Quando eu comer te darei.

Foi indo, foi indo, João , pá!, pegou outro bolinho. Ela disse novamente, pensando que fosse o gato:

- Pissi, pissi, meu gatinho! Quando eu comer te darei.

A velha fazia o bolinho e João pescava. Foi indo, foi indo, até que Maria não aguentou e deu risada, achando graça de ver a velha iludida. Quando Maria riu, a velha olhou para cima e disse:

- Ah! São vocês, né?! Espera aí, meus netinhos, vou dar o de vocês!

Pegou os dois e disse:

– Agora vocês vão me pagar pelos bolinhos que comeram.

Prendeu eles num caixote grande e disse:

– Vão ficar presos aí para eu engordar vocês para comer.

A velha era uma bruxa! Do outro dia em diante, ela começou a engordar eles, dava água, dava comida... Todo dia ela chegava pra eles e dizia assim:

– Bota o dedinho de fora aí, pra eu ver se já está gordinho.

Aí eles botavam o dedinho de fora, quando ela via, dizia assim:

– Ah, tá magrinho ainda!

Durante todo o dia, a velha sempre empurrava comida pra eles e lá se vai eles engordando. Maria começou a se preocupar:

– João, você está ficando gordo e eu também. No dia que a gente acabar de engordar, como é que a gente vai fazer?

João disse baixinho:

– Cale a boca que eu estou providenciando alguma coisa aqui.

Ele achou uma lagartixa, pegou e tirou o rabinho dela e guardou com muito cuidado. Quando chegou no outro dia, a velha veio trazer comida e disse:

– Bota o dedinho de fora pra eu ver se meus netinhos já estão gordinhos.

João, esperto, botou o rabinho da lagartixa. Como a velha não enxergava muito bem, disse:

– Ah, tá muito magrinho ainda!

Um dia, Maria botava o rabinho no lugar do dedinho; outro dia, João botava. Lá um dia, Maria perdeu o rabinho da lagartixa e, chorosa, falou com João:

– E agora, irmão, que será de nós quando a velha vier?

Mais tarde a velha apareceu e disse:

– Bote o dedinho de fora, meu netinho.

Quando João botou o dedo...

– Ah, já está bem gordinho! Vou ali preparar umas coisas.

João e Maria ficaram aflitos, começaram a chorar. Maria era afilhada de Nossa Senhora. Nossa Senhora apareceu e perguntou:

– Maria, que é que tem que está chorando?

Ela contou e sua madrinha disse:

– Não tem nada não. A velha vai fazer um fogo, vai botar um balde de água no fogo e vai mandar você dançar na frente do tacho de água fervendo. Quando ela disser assim : “Dance aí, minha netinha!”, diga assim: “Não, minha vozinha, dance primeiro que eu não sei como é que dança não!” E quando ela estiver dançando, você empurra ela dentro d’água. Tá certo?

Maria disse:

– Tá certo.

A velha botou João pra pegar a lenha e Maria a água. Maria pegou a água, fez o fogo e botou o caldeirão de água no fogo. Quando a velha disse:

– Minha netinha, dance aqui!

Maria logo respondeu:

– Dance a senhora primeiro, minha vozinha.

A velha malvada foi cair na besteira de dançar
pra ensinar Maria, Maria empurrou ela dentro do cal-
deirão de água fervendo e a velha morreu.

A ONÇA E O COELHO

Lá um dia, o Coelho disse assim para a Onça:

– Você quer fazer um favor pra mim?

A Onça disse:

– Pois não, o que é?

O Coelho:

– Amiga Onça, ouvi dizer que hoje vai ter uma ventania danada, dessas que há muito tempo não acontece. Eu estou com muito medo do vento me levar. Vamos no mato tirar muito cipó que depois eu vou me esticar em um pé de pau e você me amarra todinho.

Os dois foram pro mato. Começaram a cortar cipó. Cortou cipó, cortou, cortou, cortou... quando tinha muito cipó, o coelho que era astucioso disse:

– Oh amiga Onça, estou morrendo de medo dessa ventania. Oh amiga Onça estou com muito medo, me amarre logo!

A Onça disse:

– Olhe, compadre Coelho, é melhor você me amarrar primeiro, que eu sou maior.

– Não, comadre Onça, você me amarra primeiro...

– Ô compadre Coelho, me amarre primeiro, por favor. Por favor, compadre, eu sou mais velha, me amarre primeiro!

Ela tanto insistiu... E era isso mesmo que o coelho queria:

– Tá certo, amiga Onça, suba aí no pau e se estique toda.

Quando a Onça subiu que se esticou toda, ele aí começou a amarrar a Onça pelo pescoço. Amarrou, amarrou, amarrou, amarrou... quando chegou bem nas duas patas de baixo, disse:

– Agora, comadre Onça, se mexa aí.

A Onça ainda conseguiu mexer um pouquinho.

– Ah, compadre Coelho, está folgada ainda, aperte mais!

Tome cipó, tome cipó, tome mais cipó... Quando ela tentou se mexer que não pode mexer mais, o Coelho disse assim:

– Agora sim, você vai me pagar por todo o mal que já me fez!

O Coelho pegou uma varinha e tome-lhe vara na Onça! Bateu, bateu, bateu, bateu... E a Onça toda amarrada, sem poder fazer nada. Depois que o Coelho deu uma surra bem boa nela, ele se mandou e deixou ela lá no mato amarrada. A Onça desesperada fez uma promessa a São Cupim. Se São Cupim ajudasse ela a se soltar, torando todo aquele cipó, que ela ia fazer um acompanhamento pra São Cupim e todos os bichos do mato iam participar, menos o amigo Coelho. Aí o Cupim cuidou de estragar o cipó, foi desgastando, desgastando, até que a Onça se soltou. Livre do cipó, foi logo atrás do coelho. O Coelho já estava bem longe.

Ela aí foi convidar todos os bichos pra fazer o acompanhamento em agradecimento a São Cupim – promessa é dívida! Marcou o dia, mandou fazer o andor. No dia marcado, fizeram o acompanhamento. Todos os bichos queriam carregar o andor de São Cupim, cada hora um pegava um pouquinho. Lá uma hora, chega o Coelho todo melado de mel e envolvido em folhas secas – um bicho esquisito: amigo Folhagem. Aí o amigo Folhagem apareceu na beira da estrada, ninguém conhecia aquele bicho diferente! Amigo Folhagem se aproximou e falou:

– Dá licença de eu pegar nesse andor?

A Onça prontamente disse:

– Pois não, amigo Folhagem! Só quem não pode pegar aqui é o amigo coelho. Todos os bichos pegam, menos o amigo Coelho. Se ele chegar aqui, todo mundo vai fazer guerra contra ele.

– Está certo!

O amigo Folhagem pegou e levou o andor até longe. Quando satisfez sua vontade, soltou o andor,

alguém pegou e ele saiu correndo e gritando:

– Está vendo aí, amiga Onça, você não disse que eu não pegava nesse andor?

A Onça furiosa grita:

– Pega amigo Coelho, minha gente, pega esse coelho safado!

Largaram o andor e todo mundo saiu correndo atrás do Coelho. O Coelho, brucutu! entrou no buraco. Aí amiga Onça falou pra o amigo Sapo:

– Amigo Sapo, você fica aqui nesse buraco olhando pro meu amigo Coelho. Não deixe ele sair de jeito nenhum, viu?

O Sapo disse:

– Está certo, amiga Onça, pode ficar tranqüila.

– Eu vou em casa buscar um cavador para cavar esse buraco e tirar ele.

– Pode deixar.

A onça saiu e deixou o Sapo lá tomando conta do buraco... Enquanto a Onça foi lá, o Coelho apanhou um bocado de areia, chamou o Sapo e disse assim:

- Amigo Sapo, deixa eu passar aí, é rapidinho, vá...!

O Sapo aí disse:

- Aqui você não passa.

- Amigo Sapo, deixa eu passar aí, vá... deixa...por favor...vá aí...!

- Aqui você não passa.

O Coelho teve uma idéia:

- Amigo Sapo, tem uma coisa estranha aqui nesse buraco, tá muito escuro e eu não estou vendo direito! Espie aqui...

O Sapo se abaixou pra ver. O Coelho, puf! jogou um punhado de areia nos olhos do sapo. O Sapo pulou e gritou:

-Ai, ai, ai, ui, ui, ui! Meu olho, está ardendo, não estou vendo nada!

Amigo Coelho deu no pé, virou o mundo. Quando amiga Onça chegou:

- Amigo Sapo, cadê amigo Coelho? Eu estou vendo uns rastros...Amigo Coelho passou aqui?

O Sapo baratinado:

– Não, aqui não saiu não. Está aí, pode cavar que ele está aí. Com certeza ele está aí, eu não tirei o olho desse buraco!

A Onça cavou, cavou, cavou, quando chegou no final do buraco, cadê Coelho? A Onça furiosa, disse:

– Agora amigo Sapo, você vai se ver comigo, vou lhe jogar na água!

– Não amiga Onça, tenha piedade, me jogue no fogo!

– Nada disso, vou lhe jogar é na água, seu abestalhado!

– Me jogue no fogo, por favor...por favor...

Me jogue no fogo, me jogue na água, acabou a Onça jogando o Sapo na água mesmo. O amigo Sapo caiu na água todo satisfeito. Rindo da cara da onça gritou:

– Quá, quá, quá, quá! Amiga Onça, água ao sapo nunca fez mal! Quá, quá, quá, quá! Água ao sapo nunca fez mal!

O MACACO E O RABO

O Macaco saiu pelo mundo. Andou, andou, andou, quando chegou no meio da estrada, ele achou de parar para descansar. Deixou o rabo bem no meio do caminho. Lá adiante, vinha um homem com um carro de boi:

- Macaco.
- Que é?
- Tira teu rabo daí.
- Não tiro.
- Macaco, tira teu rabo daí que eu vou passar com meu carro de boi.
- Pode passar.
- Macaco, tira o rabo, Macaco!
- Por mim não, pode passar que meu rabo é de ferro!

O carro de boi passou e cortou o rabo do macaco.
O macaco pulou e gritou:

– Ai, ai, ai! Eu quero meu rabo, eu quero meu rabo!...

– Eu não avisei, Macaco, pra você sair da estrada?

– Só sei que quero meu rabo! Quero por que quero.

– Não tenho o que lhe dar, lhe dou esse facão.

O Macaco recebe o facão e sai andando pelo mato e encontra um homem tirando cipó com o dente.

– Tá cortando cipó com o dente?!

– Não tenho canivete, faca nem facão.

– Tome esse facão.

Quando o homem cortou o cipó com o facão, quebrou o facão. O Macaco pulou e gritou:

– Eu quero meu facão! Sei que quero meu facão. Quero porque quero...

– Eu não tenho o que lhe dar, lhe dou um cesto.

O Macaco botou o cesto na cabeça e saiu pulando.

Quando chegou adiante, encontrou uma mulher fazendo pão e botando na roda da saia. O Macaco disse assim:

– Tá carregando pão na roda da saia?!

– É, não tenho cesto, não tenho bacia, não tenho nada.

– Tome o cesto pra botar o pão.

Quando ela botou os pães no cesto, o cesto largou o fundo. O Macaco pulou e gritou:

– Eu quero meu cesto, eu quero meu cesto! Sei que quero meu cesto. Quero porque quero.

– Não tenho o que lhe dar, lhe dou uns pães.

O Macaco saiu com os pães. No caminho, o Macaco encontrou uma mulher com muitos filhos chorando de fome. A mulher estava dando a eles café puro. O Macaco disse:

– Moça, tá dando café puro a seus filhos?!

– É, não tenho pão, não tenho dinheiro, não tenho nada pra dar.

– Toma esses pães.

Macaco deu os pães e os meninos comeram. Quando os meninos terminaram de comer... o Macaco pulou e gritou:

- Eu quero meu pão, eu quero meu pão! Sei que quero meu pão. Quero porque quero.

Não tenho o que lhe dar, lhe dou uma filha moça.

Macaco saiu com a moça, adiante encontrou um homem dançando com um cabo de vassoura.

- Tá dançando com um cabo de vassoura?!

- É, não tenho uma boneca, uma moça nem ninguém...

- Tome essa moça.

A moça estava fraca de fome. O homem começou a dançar, dançou, dançou, dançou... Lá uma hora, o homem tropeçou e caiu em cima dela. A moça quebrou uma perna, quebrou um braço... quebrou outra perna... se desengonçou toda. O Macaco pula e grita:

- Eu quero minha moça! Sei que quero minha moça, perfeita como lhe dei! Quero porque quero.

– Não tenho o que lhe dar, lhe dou essa viola.
O Macaco alegre, botou a viola debaixo do braço,
subiu numa árvore bem alta e ficou cantando:

*– De meu rabo ganhei meu facão,
De meu facão ganhei meu cesto,
De meu cesto ganhei meu pão,
De meu pão ganhei minha moça,
De minha moça ganhei minha viola.
Tingue lingue tingue
Macaquinho vai s'embora!
Tingue lingue tingue
Macaquinho vai s'embora!*

Volume I: Contos de Dona Luiza
Volume II: Contos de Animais
Volume III: Contos de Dona Carlota
Volume IV: Histórias de Pedro Malasartes
Volume V: Contos de Dona Sônia

Apoio:



ISBN :978-85-7887-022-6

